Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci3110unse

no XXXI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Novembro de 1955 – N. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

Espiritismo, Anjo Libertador . . . *Redação*
Refutando Ramatís . . . . . *Henrique Rodrigues*
Relações Interplanetárias . . . . *Emmanuel*
A Reencarnação e a Memória . . *Deolindo Amorim*
« Última Página ... » . . . . . *A. Olser*
Solilóquio . . . . . *Manuel Cavaco*
Religião e Ciência . . . . . *Alberto Lopes*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
* * * . . . . . *Arnaldo S. Thiago*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
O Ceticismo no Problema Metafísico da Razão . . . . . *Amadeu Santos*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALÍPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

Natal dos Pobres

Prezado Sr.

Paz em Jesus

Como de costume, a União Municipal Espírita de Matão, formada pelo Centro Espírita «Amantes da Pobreza», Mocidade Espírita «Cairbar Schutel» e Centro Espírita «Allan Kardec», de Toriba, realizará no próximo mês de Dezembro, dia 25, em homenagem a Jesus pelo seu natalício, o «NATAL DOS POBRES», distribuindo entre os necessitados as dádivas que por seu intermédio lhes ofertarem os corações generosos.

As ofertas podem ser em gêneros alimentícios, dinheiro, ou mesmo roupas usadas, podendo ser entregues ou endereçadas a qualquer um dos membros da Comissão Organizadora do «Natal dos Pobres».

Certos de sua preciosa atenção a este apêlo fraternal, pedimos a Jesus que lhe proporcione um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de saude, paz e felicidade.

Matão, Outubro de 1955.

A COMISSÃO:

Chiquita Fonseca
Antoninha Perche Campêlo
Rosa Fonseca Fratini
Anita S. Miniucci
Isabel Perche Camargo
Letícia M. Olson
Zélia S. Perche
Leonor da Cruz Jorge
Donata Casadei Oliveira
Evani Gonçalves

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Novembro de 1955 — NUM. 10

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

Espiritismo, Anjo Libertador

O dia 2 de Novembro é o dia de «Finados», isto é, dos mortos, daqueles que se libertaram dos liames terrenos, dos sofrimentos físicos. E' uma justa homenagem que se presta a todos os mortos, sejam ricos ou pobres, brancos, pretos, amarelos ou vermelhos, porque todos são filhos de um só pai — Deus.

Entretanto, a morte não muda substancialmente o aspecto da vida, porque o espírito continua a viver depois da morte com o seu mesmo modo de agir e pensar, com as suas virtudes ou os seus vícios, com as suas bôas ou más qualidades. Físicamente o indivíduo deixa de sofrer após a morte, mas pode sofrer muito mais moralmente se os seus átos foram maus, se fez aos outros aquilo que não deseja para si. O desaparecimento do corpo físico não implica no aniquilamento das nossas obras porque elas são o fruto do espírito, e, portanto têm que acompanhar o espírito, achamse mais ligadas ao espírito do que êste ao corpo.

Se as obras acompanham o espírito, de que se fizeram parte integrante, é claro que o espírito terá de gozar os proventos da espiritualidade de acôrdo com as mesmas. Se foram bôas, será feliz; se foram más, será infeliz. As nossas obras não só acompanham o espírito, como também deixam nêste mundo marcas profundas que atravessam séculos. Nero, Calígula, por exemplo, deixaram no mundo as mais tristes recordações que os séculos não conseguirão extinguir porque estão gravadas na História. Assim também, as obras dos santos, dos que se sacrificaram em benefício dos seus semelhantes atravessam séculos iluminando e confortando as criaturas. Sem contar Jesus, que é a personificação do Bem, do Amor, e nem seus Apóstolos, que são o exemplo dos que querem ser realmente cristãos, citemos, por exemplo, S. Vicente de Paulo e S. Francisco de Assis, cujas obras servem de caminho aos verdadeiros cristãos. Eles já se libertaram há muito tempo dêste mundo, mas permanecem vivos nos corações através de suas obras, dos seus átos de solidarismo, de amor fraterno, amparando os pobres e defendendo os fracos e os oprimidos.

A morte, como disse um dos mais notáveis sábios, Charles Richet, é a porta da vida, porque por ela ingressamos na verdadeira Vida, que é a espiritual, onde não há sofrimentos físicos, sómente os sofrimentos morais, que são uma decorrência das nossas más obras, dos nossos êrros, das nossas faltas. Portanto, não havendo sofrimento moral, a felicidade na outra vida é um fato. E para nos livrarmos dos sofrimentos morais basta pôr em execução o preceito evangélico que nos manda não fazer aos outros aquilo que não desejamos para nós.

E' desolador vêr o chôro, as lamen-

tações, as imprecações daqueles que visitam os seus mortos. Deveriam chorar por si mesmos, porque a vida nêste mundo é que é morte para o espírito que vive tolhido nos seus movimentos de liberdade, pois se acha prisioneiro de um corpo que dêle exige uma porção de cuidados e atenção nas suas necessidades. E' por isso que a morte é o Anjo libertador do Espírito. A criatura tem muitos inimigos a vencer, como por exemplo, o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, enfim as suas imperfeições, mas segundo o Apóstolo Paulo, a morte será o último inimigo a ser vencido, e vencido quando houvermos vencido os inimigos acima mencionados, visto como ficaremos em condições de compreender o verdadeiro sentido da morte com acquisição da fé, das virtudes ativas.

O Espiritismo é êsse anjo libertador, porque prova a imortalidade da alma e a comunicação dos espíritos, ensinando-nos a vencer todos os nossos inimigos, externos e internos, entre os quais — a morte.

Que as nossas lágrimas se convertam em preces pelos nossos «mortos», e em agradecimento a Deus, nosso Pai Celestial, por nos conceder a vida eterna.

Refutando Ramatís

(O PARECER DE EMMANUEL)

Era nossa intenção encerrar a refutação a Ramatís com o artigo precedente. Mas a ala religiosa da doutrina, na palavra de alguns, aceita as revelações de Ramatís, sómente porque, no dizer dêles, Emmanuel abonou tal produdução. De início, devo dizer a êsses confrades menos avisados que absolutamente não se dá tal condição, e que, assim procedendo, êles laboram em rotundo equívoco, porquanto jamais houve ou haverá o endôsso do antigo senador romano, no sentido de que as respostas dadas por Ramatís sejam o testemunho da verdade.

Quem, como nós, matém contacto mais acentuado com Pedro Leopoldo, sabe perfeitamente que a delicadeza do dirigente espiritual do Centro Luiz Gonzaga, aliada a sua tolerância e compreensão, proporcionará sempre uma resposta a quem quer que a êle se dirija. Mas, se a pergunta em geral define o indagador, a resposta não é obrigada a guardar-lhe íntima relação, porquanto temos visto chegar a Pedro Leopoldo, por carta e pessoalmente, ao lado de urgentes e angustiosas indagações, solicitações de confôrto, realmente úteis à tarefa que mais importa aos homens realizar, qual seja a renovação interior, pela evangelização e pela elevação do seu padrão moral, repetimos, temos visto muita indagação leviana, pretenciosa, traiçoeira, capciosa, insípida, ridícula e banal. A todas Emmanuel responde, porque o assédio é constante, mas nem sempre a verdadeira resposta flui do significado superficial e direto das palavras.

Muita gente gostaria de ver Emmanuel transformado em oráculo miraculoso, curandeiro, moço de recados, acusador, defensor, juiz, executor, bajulador, em aspectos particularíssimos, envergando o figurino de muitas patentes imperfeições humanas. Não que êle seja perfeito, atributo exclusivo do Pai, mas temos que compreender Emmanuel como um irmão mais velho, que caminha alguns passos em nossa vanguarda. Temos uma página particular a êsse respeito que mais nos fez admirar seu estôfo moral e intelectual. Emmanuel não é uma panacéia, ou seja, remédio para todos os males ou solução para todos os problemas. Emmanuel não é «fazedor de leis», mas esforça-se para ser um «cumpridor». Há muita gente que não gosta de Emmanuel, e a razão disso vem, talvez, da delicada recusa de compartilhar nos quadros da bitóla particular de quem assim procede.

E' doloroso, para nós espíritas, verificar as artimanhas, os sofismas, a malandragem, enfim, de que se valem alguns elementos para arrancarem (é bem êsse o têrmo) do autor de «Renúncia» umas linhas que satisfaçam seus propósitos nem sempre elevados. Vamos pintar um quadro, um, entre muitos.

Um cidadão indaga de Emmanuel

qual a sua opinião sôbre um livro que pretende escrever. E' uma pergunta, e a resposta vem: «Todo trabalho com Jesus é meritório». Amanhã, êsse mesmo indivíduo escreve um trabalho anarco-confusionista, comunista, ateu, protestante, budista, católico e, para valorizar seu trabalho, quase sempre medíocre, estampa a opinião de Emmanuel. Quem não sabe como *a coisa* se passou, julgando *à priori*, ou fica confuso ou, o que é pior, por abdicar o trabalho de raciocínio, acredita que tal peça é uma produção típicamente «com Jesus», *porque Emmanuel disse.*

Dois jovens do movimento social espírita, por conveniências econômicas, concordam em consorciarem-se na Igreja Romana. Casa não casa, vem a baila o célebre testemunho, a negação de Pedro e coisas semelhantes. Resultado: — Vamos consultar Emmanuel! Resposta «Cada um segue os ditâmes de sua consciência». Mas os homens não se modificam por opiniões alheias e sim pela experiência colhida e, assim, os que apoiavam o casamento religioso, vêem nessa advertência mil e uma razões para casar, embora esteja claro que não existe aí nem sim nem não, mas, apenas o *chamado à responsabilidade individual que é intransferível.* Muita gente dirá: — Eu responderia assim ou assado! Mas é que essa gente não está no lugar dêle, com o ônus de uma tarefa que não podemos avaliar. Outros dirão: — Fugiu da questão! Por um direito elementar, «ninguém é obrigado a fazer o que não quer», e, muito menos, ser leviano para responder satisfatoriamente a leviandade; ser boçal, para harmonizar-se com a boçalidade; partilhar do banquete da intriga, do ódio, da ignorância e da safadeza, só para satisfazer o safado, o intrigante, o boçal ou o ignorante.

Que Emmanuel não aprova os trabalhos, indagações e muito menos as respostas do tipo de Ramatís, podemos verificar em muitos trechos de suas produções, onde êle é claro, e não precisa, para não fugir à verdade, exarar seu modo de pensar nas entrelinhas, ou no sentido mais profundo das palavras. Embora documentados, guardamos sigilo em tôrno de nomes, para respeitar o «convencionalismo da caridade», como diz meu amigo Newton Boechat.

Uma alta patente militar, nosso grande amigo perguntou certa vez o seguinte, *ipsis litteris*:

> «Meu bom «Emmanuel»: Será oportuno nos dar uma informação sôbre o propalado «*disco voador*» aparecendo em nosso globo? Poderemos ter um esclarecimento?»
>
> Resposta: — «Meu caro amigo, diante das responsabilidades que nos pesam nos ombros, aguardemos mais tempo para o estudo da questão. Jesus nos abençõe».

Isso foi na época da efervescência dos «discos», quando todo mundo opinava, fora e dentro do Espiritismo, esquecidos, espíritos e espíritas das salutares advertências de Kardec a respeito da leviandade das perguntas e dos possíveis «respondedores», deitando *falação* do mais variado matiz. Vem de Marte, de Venus, de Júpiter, do centro da Terra. São assim ou daquêle jeito. Farão isso ou aquilo, por isso ou por nada.

E' pena que êsse trânsfuga, que é o homem, olhe tanto para o mundo exterior, quando o verdeiro céu a ser conquistado está no seu universo íntimo, onde existe tanto espaço vazio, tantos mundos a conquistar, tanta coisa bela, onde constantemente é visitado por entidades de mundos superiores, e... às vêzes... dos inferiores também.

Vejamos o pensamento de Emmanuel sôbre o assunto:

A lição «Paz», do livro «Caminho, Verdade e Vida», pág. 98, diz:

> «Muita gente inquieta, examinando o intercâmbio entre os novos discípulos do Êvangelho e os desencarnados, interroga, ansiosamente, pelas possibilidades da colaboração espiritual, *junto às atividades humanas.*
>
> «*Por que razão os emissários do invisível não proporcionam descobertas sensacionais ao mundo?*
>
> «*Por que não revelam os processos de cura das moléstias que desafiam a Ciência?*
>
> «Como não evitam o doloroso choque entre as nações?
>
> «*Tais investigadores, distanciados das noções de justiça, não compreendem que seria terrivel furtar ao homem os elementos de trabalho, resga-*

te e elevação. Aborrecem-se, comumente, com as reiteradas e afetuosas recomendações de paz das comunicações do Além-Túmulo, porque ainda não se harmonizaram com o Cristo.

«Vejamos o Mestre com os discípulos, quando voltava a confortá-los, do plano espiritual. *Não lhe observamos na palavra qualquer recado torturante, não estabelece a menor expressão de sensacionalismo, não se adianta em conceitos de revelação super-natural.*

«*Jesus demonstra-lhes a sobrevivência e deseja-lhes paz.*

«Será isso insuficiênte para a alma sincera que procura a integração com a vida mais alta ? Não envolverá, em si, grande responsabilidade o fato de reconhecerdes a continuação da existência, além da morte, na certeza de que haverá exame dos compromissos individuais ?

«Trabalhar e sofrer constituem processos lógicos do aperfeiçoamento e da ascenção. E que atendamos a êsses imperativos da Lei, com bastante paz, é o desejo amoroso e puro de Jesus Cristo.

«Esforcemo-nos por atender semelhantes verdades, *pois existem numerosos aprendizes aguardando os grandes sinais, como os preguiçosos que respiram à sombra, à espera do fogo-fátuo do menor esfôrço*».

Acredito que bastaria sómente isso para demonstrar o que venho dizendo, mas existe mais. E' a lição «Demonstrações», página 301, do livro «Vinha de Luz». Para não tornar êste artigo muito longo, vamos citar apenas alguns trechos, para aquêles que não possuem êsse livro, Emmanuel procura, nêsse capítulo dar a explanação evangélica de Marcos 8 : 11, a todos aquêles que «exigem sinais do Céu, tangíveis, incontestáveis». Diz êle entre outras coisas :

«Médiuns e companheiros outros, em grande número, não se precatam de que os pedidos de demonstrações celestes são formulados, quase que invariavelmente, em obediência a propósitos inferiores.

«Há ilações lógicas no assunto, que importa não desprezarmos. Se um espírito permanece encarnado na Terra, como poderá fornecer sinais de Júpiter ? *Se as solicitações dessa natureza, endereçadas ao próprio Cristo, foram situadas no âmbito das tentações,* com que argumentos poderão impô-las os discípulos novos aos seus amigos do invisível ?

«Quem reclama sinais do Céu será talvez ignorante ou portador de má fé, *contudo, o seguidor da Boa Nova que procura satisfazer o insensato, é DISTRAÍDO OU LOUCO*».

O fato de Emmanuel dizer que «a mensagem é de elevado teor, ou digna de nosso melhor aprêço», enquadra-se no princípio de que a mesma não contém nenhuma exortação ao crime ou a imoralidade. O que não foi correto, por parte dos publicistas da mensagem de Ramatís, foi a omissão do «parecer» completo de Emmanuel, porque êle convidava ao estudo e a submissão das revelações feitas na mensagem «Conexão de Profecias», à ciência, à filosofia e à religião em pauta. Tal conduta, levou muita gente ao equívoco de aceitar porque acharam que Emmanuel aceitou, quando êste, longe de dizer que a «Mensagem» era a expressão da verdade, fez um convite, dentro do seu tradicional bom senso, ao estudo do assunto, o que nem todos fizeram. Que publiquem «as considerações» totais de Emmanuel, e, só depois, qualquer admirador dêsse extraordinário amigo, e nós também o admiramos, poderá estar em condições de julgar o sentido de muita coisa que ficou sepultada antes dos três pontinhos reticenciosos que antecedem a opinião de Emmanuel, conforme foi apresentada nas publicações e impressos dos admiradores de Ramatís.

No próximo número, relataremos para os amigos dêsse Brasil tão grande, algumas curiosidades relacionadas com o Centro Espírita Luiz Gonzaga, de Pedro Leopoldo. O assédio, informações, advertência a oradores ocasionais, temas, assistência, trabalhos e algo sôbre a mania espírita dos elogios pomposos, a queima-roupa, públicos, etc...

Estou pedindo também à redação que, caso possível, publique nêste número, uma página de Emmanuel, datada de 26/11/54, recebida em Pedro Leopoldo, por Francisco Cândido Xavier, em sessão pública, e que, salvo êrro, ainda es-

tá inédita. Denomina-se «Relações Interplanetárias». Não que sejamos contra tais estudos. Muito pelo contrário: somos até apaixonados do assunto. O que negamos, é que o Espiritismo seja a porta indicada, para, através do transe mediúnico, prestar-se a investigações de tal natureza. A tarefa dos espíritos não é essa, e o patrimônio das conquistas individuais, não pode ser formado com «êsse tipo de maná do céu».

HENRIQUE RODRIGUES.

Rua Quimberlita, 490 — Belo Horizonte — Est. de Minas

Relações Interplanetárias

Meus amigos.

O Espiritismo — renascença do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo — é uma Doutrina Racional, sem quistos dogmáticos que lhe deformem o corpo de revelações simples e puras, brilhando por luminoso caminho de aperfeiçoamento das almas e assimilando, sem resistência, todas as conquistas filosóficas e científicas da Humanidade.

No campo de nossos postulados, reconhecemos a Terra como singelo degráu evolutivo no Sistema Solar em que nos integramos, nosso precioso domicílio cósmico, que, por sua vez, empalidece, quasi insignificante, quando confrontado com os largos domínios do Universo, além da Galaxia, em que a Vida Infinita nos sitúa o aprendizado.

Não ignoramos, assim, que outros mundos enxamêiam no Espaço, revelando a Sabedoria do Criador, e que outras Humanidades evoluem no rumo da perfeição, qual acontece conosco, através do trabalho e da experiência.

Semelhantes conclusões, a nosso ver, todavia, agravam as nossas responsabilidades no serviço que devemos ao mundo, porque qualquer conquista da Terra no campo de relações interplanetárias não modificaria o quadro inquietante de nossas necessidades morais, junto ao qual nos compete o incessante esfôrço da educação, para que se intensifiquem e aperfeiçoem as relações espirituais entre a plenitude de Cristo e a carência dos Homens.

Cabe-nos, pois tão sómente, por agora, a vós outros e a nós, trabalhadores encarnados e desencarnados, o árduo ministério de nossa própria reforma intima, com o bem infatigável aos nossos semelhantes, nos padrões de Jesus, afim de que o Reino do Amor se estabeleça na Terra, habilitando-nos à comunhão com os Planos Superiores.

Dêsse modo, segundo cremos, qualquer manifestação próxima ou remota dos habitantes de outros Planetas, em nosso Globo, não pode alterar-nos o programa de trabalho, de vez que a nossa missão é estritamente espiritual, não obstante abranger, como é justo, qualquer estudo digno em tôrno de problemas que nos firam a marcha.

Somos operários do espírito, colaborando na edificação do mundo novo, a começar pelo aprimoramento de nós mesmos, sob a inspiração do Cristo, nosso Divino Mestre.

Essa é nossa glória maior.

Não seria, pois, razoavel desertar do nosso setor de ação edificante para substituir astrônomos e estadistas na esfera de observação e de luta que se lhes descerra à inteligência na ordem material.

Estejamos firmes na obra silenciosa e redentora que nos cabe realizar, sob a égide do Senhor, porque, de outro modo, estariamos menosprezando os «talentos da oportunidade» de nossa cooperação no Evangelho, convertendo o santuário de nossos princípios em mais um dos pontos conturbados de conflito humano, dentro dos quais a indagação, muitas vezes desorientada e insensata, reclama a luz da verdade sem o concurso do tempo, através da perturbação e do estardalhaço sem razão de ser.

EMMANUEL.

(Página recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na reunião pública da noite de 26/11/54, em Pedro Leopoldo).

A Reencarnação e a Memória

DEOLINDO AMORIM

A teoria dos *resíduos* ou de «sobrevivência da mentalidade mágico primitiva», como diz o psicólogo brasileiro, não esclarece o ponto fundamental da questão: qual a origem dêsses resíduos, são anteriores à presente existência? Segundo a tese espírita, todos os conhecimentos adquiridos no passado se conservam, não se perdem, porque fazem parte da personalidade do espírito, através das reencarnações. Esses conhecimentos, acumulados durante anos e anos, ficam em estado latente, e deles a memória consciênte ou memória atual às vezes tem certas reminiscências em forma de *intuição*. Há ocasiões, porém, em que, durante um fenômeno de sonambulismo, hipnose, etc., o espírito consegue, como dissemos no artigo anterior, revelar todos êsses conhecímentos, que alguns psicólogos chamam genericamente de «sobrevivências», «resíduos», etc., sem dizerem, todavia, de onde procedem essas reminiscências.

Alguns experimentadores, não querendo aceitar a tese espírita, criaram diversas hipóteses para explicar o fenômeno, mas a verdade é que nenhuma delas resolveu o problema. Tudo é hipótese, e não passa de hipótese. Veja-se, por exemplo, a teoria da *dupla personalidade*, tão inconsequente como outras teorias. Há ocasiões em que um indivíduo ignorante, semi-analfabeto, de uma hora para outra, cai em *transe*, é magnetisado, e passa a demonstrar conhecimentos que estão, com espanto de todos, muito acima de sua capacidade. Então, os partidários da *dupla personalidade* dizem logo: *é o segundo EU, que se manifesta*, isto é, *o outro EU*, que é *ilustrado, é culto, enquanto o EU normal é bisonho, ignorante*. Explicação deveras curiosa!... Isto quer dizer, portanto, que há em nós um *EU* consciênte, um *eu* atual, que corresponde à memória presente, e um *EU* inconsciente ou oculto, que se manifesta em estados psíquicos especiais. Então, se é assim, não existe a personalidade integral: há uma personalidade atrasada, inculta, que é a personalidade que o indivíduo revela no estado normal, e outra personalidade, muito culta, muito polida, que só aparece nos estados *anormais*.

Cabe, agora, uma pergunta: se é assim mesmo, como se diz, se é certo que existe, no *fundo* da consciência (permita-se a expressão) uma soma de conhecimentos superiores aos conhecimentos normais, *QUANDO* e *COMO* foram adquiridos êsses conhecimentos, como se formou êsse preparo intelectual, que supera os conhecimentos atuais? A teoria do *inconsciente*, tal como tem sido apresentada em compêndios e cursos de *psicologia*, não dá solução ao problema; apenas reconhece o fenômeno, dá testemunho do fato, mas a verdade é que não apresenta uma solução satisfatória. Muito menos a *dupla personalidade* ou a teoria da *memória subliminar*, de Myers..

Um dos casos mais conhecidos e mais citados na literatura psíquica em geral e, particularmente, na literatura espírita, é o de Félida, a moça que era retraida, tímida, de temperamento egocêntrico, mas apresentava um personalidade inteiramente diferente da personalidade normal quando em estados especiais, quando caía em transe. As atitudes da moça davam a impressão de haver duas personalidades opostas: no estado normal era simples, retraida, triste; no estado *anormal*, era alegre, conversava muito, ria, cantava, etc. Se, portanto, a hipótese da dupla personalidade não resolve o problema, como explicar o fato de haver, na mesma pessoa, dois comportamentos antagônicos?... Nenhuma das teorias formuladas a respeito conseguiu dar a explicação mais razoavel até hoje.

Nenhuma teoria, também, conseguiu anular a explicação espírita, isto é, a da existência, na mesma personalidade, de elementos vinculados a existências anteriores, pelo processo da reencarnação. Gabriel Delanne, em *Investigações sôbre a mediunidade*, como Bozzano, em seus numerosos casos, cita muitos exemplos ilustrativos e convincentes. Figuremos uma hipótese. Uma pessoa é ignorante, sua instrução é rudimentar, todos os seus conhecidos e visinhos sabem que essa pessoa nunca saiu dalí, nunca teve convivência com pessoas ilustradas, nunca foi, portanto, *buscar* conhecimentos fóra daquele meio onde nasceu e onde vive; inesperadamente, porém, pela ação de um passe magnético, que faz dormir, essa mesma

pessoa, no estado sonambúlico artificial, começa a falar sôbre física, química ou astronomia, assuntos que estão muito longe de sua capacidade, e revela conexão de idéias, como quem realmente sabe o que está dizendo. Muito bem. Diversos dêsses casos têm sido registrados pelos investigadores mais escrupulosos. Como se explica isto?

O eminente Professor Charles Richet, a quem se deve notável contribuição ao estudo científico dos fenômenos psíquicos, propõe a hipótese da *criptestesia*, única hipótese que, na opinião do ilustre autor do *Traitè de Metapsichique*, pode resolver o problema. Que é, finalmente, *criptestesia?* Segundo a terminologia da metapsíquica (criada pelo Prof. Richet) é a faculdade de adquirir «conhecimentos supranormais». Ora, supranormal é o que está acima do normal. Logo, êsses conhecimentos, se são *supranormais*, não foram adquiridos agora, pelos meios normais. Cripta era o lugar onde se ocultavam os livros sagrados, na antiguidade. Daí vem *criptografia, criptologia, criptestesia*, etc., dando a idéia do que está oculto. Criptestesia, portanto, refere-se a conhecimentos ocultos. Flournoy propôs outro têrmo semelhante: *criptomnesia*, isto é, faculdade que permite a passagem de impressões e conhecimentos para o inconsciente sem que a memória atual, a consciência clara, como se chama, tome conhecimento disto... Tudo vago, impreciso portanto. Há realmente conhecimentos ocultos, e conhecimentos que, sendo oriundos de outras existências, não têm relação com a situação atual do indivíduo. Esses conhecimentos se manifestam através de fenômenos de sonambulismo e outros, já muito estudados.

O Espiritismo não nega, mas afirma seguramente a existência de idéias e conhecimentos que estão inteiramente fóra da consciência normal (*Criptestesia*, de Richet). Todavia, o que o Espiritismo discute é a forma por que essas idéias e êsses conhecimentos ocultos foram introduzidos na chamada *zona obscura* ou neutra da memória. Se um indivíduo, por exemplo, nunca aprendeu astronomia, nunca frequentou observatório, nunca teve convivência com astrônomos, e revela conhecimentos de astronomia quando está no estado sonambúlico ou quando cái em transe, é o caso de perguntar-se: *QUANDO* e *COMO* essas noções de astronomia se fixaram em sua memória inconsciente? Quem lhas transmitiu, em que época? Influência do meio? Não, porque nunca viveu em companhia de astrônomos, nunca ouviu falar no movimento ou na posição dos astros e muito menos em cálculos de matemática superior. E' a *memória subliminar*, que guarda conhecimentos superiores sem que a memória atual saiba disto... Explicação inconsistente e tão vaga como as outras. Se o indivíduo, durante certos fenômenos, revela conhecimentos de ciências que êle, no estado normal, nunca estudou, é claro que essa cultura oculta vem de alguma parte, de alguma época anterior à existência atual. Não há outra saída para o problema, que alguns psicólogos querem resolver fóra da tese espírita, mas esbarram com uma dificuldade irremovível: de onde vieram os conhecimentos armazenados no *inconsciente* ou na chamada *memória subliminar?* A psicologia pára, forçosamente, onde começa o Espiritismo, porque só o processo das vidas sucessivas ou reencarnação pode oferecer elementos capazes de resolver a incógnita. O Espiritismo, como doutrina evolutiva e de base científica, não despreza, de modo algum, a valiosa contribuição da psicologia moderna, mas a verdade é que determinados fenômenos ocorridos no campo do psiquismo chamado supranormal não podem ser explicados sem que se tome como ponto de partida uma premissa fundamental: a reencarnação.

(Conclusão).

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

"Última Página..."

A. Olser

Pompa mortis magis terret quam mors ipsa — *Bacon.*

UM dos acontecimentos mais comuns e mais inevitáveis da existência, é a morte — a última página do livro da vida. E' o ponto final de tudo que possa traduzir ilusão, esperança, fantasia... E' o têrmo inexorável das ambições, dos sonhos, das incertezas... E cada dia que passa, mais caminhamos ao encontro dela, embora por instinto, por medo, por êrro, procuremos jamais nos lembrarmos dela. E a cada minuto que passa na grande enciclopédia cósmica em que vivemos, são arrancadas milhares de páginas da bibliotéca humana... Alguns livros ainda no prélo, outros interminados, e até alguns em branco, porque a morte não respeita idade e ceifa tudo e todos indistintamente...

Morremos das mais variadas formas, processos e meios e, como si não bastassem os naturais, o próprio homem inventou outros artificiais, porém seguros, eficazes e de resultados compensadores, numa cooperação gratuíta com a grande e respeitável Parca: «Livros» máus são guilhotinados, enforcados, fuzilados, lançados em câmaras de gaz e até reunidos aos milhares para serem consumidos pela bomba atômica — o engenho de morte mais moderno, mais terrível e mais destruidor que a capacidade para o mal, inventou! Inversão da inteligência! Paradoxo mental! Malignidade criadora!

Mas, deixemos o homem preocupado em exterminar a mais bela criação de Deus — o próprio homem - enquanto outros abnegadamente, ocultamente, humanamente, procuram acrescentar algumas paginas a mais no «livro vivo», e voltemos à última página, ao fim do romance, ao epílogo da tragi-comédia, ao derradeiro e último áto que se desenrola ao apagar das luzes no final da cena representada pelos fantoches humanos...

Os nossos últimos instantes são cercados de um terror propositadamente criado pela imaginação falsa e doentia dos que temem o «ponto final» e procuram fazê-lo temido pelos outros. A morte é, pois, o mais terrível espantalho que amedronta os que não têm sabido viver. A vida oferece oportunidades várias para que as «páginas» sejam preenchidas com ações edificantes e meritórias, registrando todos os átos benéficos ou maléficos que uma existência bôa ou má proporcionou.

O pensamento da morte apavora os prazeres do ímpio, refrêia os furores do insensato, consola os infelizes e encoraja os fracos, disse A. Guijarro.

Napoleão já dizia que os médicos e os padres tornam a morte dolorosa. Os primeiros com o prolongamento da agonia, acrescendo ao horror da morte, e o horror da morte exigindo o prolongamento da agonia, segundo Maeterlink. Os últimos cercando a morte de uma atmosféra tétrica, negra, medonha e temível com o horror do inferno à vista. Daí a a frase de Bacon: A pompa da morte é mais terrível que a própria morte.

Apesar de tudo, a morte é um fenômeno necessário, indispensável, imprescindível à continuação da vida, e Richepin (Jean), confessava que se êle fôsse imortal inventaria a morte para encontrar algum prazer na vida, porque, dizem, ela é a «doce companheira, suave desposada, eterna consoladora, meiga esperança dos desesperados», ou com Heine: é a frescura tranquila da noite, como a vida é o dia pesado e sufocante.

A necessidade da morte é defendida por muitos: «Que horrível fôra viver, se não existisse a morte!» (Fray Candil) ou «fôra horrivel a vida sem o prêmio ter da morte», numa frase de Campoamor.

Segundo Maeterlink, a morte se alimenta dos nossos receios: quanto mais a tememos, mais temível ela é, e que a idéia da morte deveria ser a mais perfeita e a mais luminosa por ser a mais constante e inevitável, e não a mais doentia e mais atrasada, em concordância com Francisco de Sales que ensinava: «Só há um meio de não se temer a morte: é desejá-la».

Por ser inevitável e ignorado o momento final, o grande Sêneca pontificava:

E' incerto o lugar onde a morte te espera; espera-a, pois, em todos os lugares, «porque ela só chega uma vez e faz-se sentir em todos os momentos da vida»: La Bruyére. E Rojas já dizia que ninguém é tão velho que não possa viver um ano, nem tão moço que não possa morrer hoje.

Num dos cemitérios de Coimbra, há êstes versos, em sua entrada:

«Aquí se findam as vaidades
com que o mundo nos seduz;
aquí há paz e abrigo
à sombra da eterna cruz».

Talvez seja por isso que se considera a morte como «sinál» de «igual» na equação da vida...

O berço é o túmulo da alma como o túmulo é o berço da vida espiritual, porque «a morte é a porta do outro mundo, como a vida é a porta dêste»: Aimé Martin, ou como cantava Castro Alves: «O berço é a barca que encalhou na vida, a cóva é a barca do sidério porto». E Emilio Castelar escrevia que a morte é uma ressurreição.

A morte do justo, daquêle que procurou amar a Deus sôbre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, deve ser serena e bela: — «Serena, porque chegou ao têrmo da jornada sem sobressaltos dolorosos de consciência; bela, porque não a recebeu como um castigo, mas sim como uma graça de Deus; serena, porque não invejou, não odiou, não caluniou, não perseguiu; bela, porque nela divisou um traço luminoso que se extende entre os dois mundos infinitos; serena, pela certeza que tem de que ela é, na última página da vida, não um ponto final, mas ligeira vírgula de um período do livro que jamais se fecha»: (Leôncio Corrêa).

O ímpio, o máu e o avarento devem se lembrar de que do mundo nada se leva, a não ser ações, atos, obras, porque «a mortalha não tem bolsos...» porque «a morte despe-nos dos nossos bens para nos vestir das nossas obras»: Petit-Senn.

Coelho Neto escreveu: Não é a morte o que me impressiona, é o morrer... Entretanto, há os que procuram a morte de sua livre e expontânea vontade — os suicidas, que são os inconformados com as situações aflitivas, os desesperados com a sorte adversa, os cansados com os sofrimentos intermináveis. «Quem sempre a morte achou no lar da vida, deve a vida encontrar no lar da morte»: (Laurindo Rebêlo). Nós substituiriamos *deve* por *espera*.

Uma coisa, porém, é certa: ninguém se mata em seu juizo perfeito, o que só pode ser aceito num momento de irreflexão incontrolável, ou num instante de perturbação mental, e quando o arrependimento é sempre tardío e irreparável...

Existe ainda a morte moral, mil vezes pior que a morte física: «Quantas vezes o coveiro encerra, sem o saber, dois corações num mesmo esquife!» (Lamartine).

Camões — o grande vate luzitano — tinha uma concepção mais otimista da morte: «Quem morre, não morreu, partiu primeiro...» A morte moral ou espiritual é aquela do Evangelho que os olhos não vêem, os ouvidos não escutam e o coração não sente, que torna o homem insensível ás questões da espiritualidade, da vida futura que continua, dos problemas do além que não o preocupam nem o interessam porque só vive a vida física, mundana, material. Sterne, entretanto, já havia dito: «Quando vejo morrer um homem honesto e viverem tantos celerados, sinto bem enfáticamente, a fôrça desta passagem dos salmos: — «Deus não quer a morte do ímpio...»

As mulheres, enfim, só morrem quando deixam de ser amadas, segundo Mme. S. Gay, ou seja uma outra modalidade de morte moral...

Já é tempo de colocarmos o ponto final, pois tudo no mundo é vida eterna, infinita, progressiva e nós já falamos muito da morte, pois a vida é sempre boa para os que sabem vivê-la e sempre útil para os que sabem compreendê-la, e sempre bela para os que sabem apreciar as maravilhas do Criador.

Após estas já longas considerações, será que podemos pensar que o nosso objetivo foi atingido, isto é, a morte da morte? Porque, morte como sinônimo de extinção, têrmo, fim, aniquilamento, cessação de vida, não existe, havendo em seu lugar, transformação, ressurreição, nova vida evolutiva, progressiva, ascendente... sabendo-se que na natureza nada se perde, tudo se transforma em busca do mais perfeito...

E morrer... E levar com a vida que se [trunca,
tudo o que de doçura e amargor teve [a vida:
— O sonho enfêrmo, a glória obscura, [a fé perdida...

(ALCEU WAMOSY)

Terminemos enfim com êste tétrico têma que outros mais capazes já analizaram, tais como: Eça de Queiroz, Maeterlink, Humberto de Campos e Malba Tahan. Acabemos com o falso conceito do horror da morte e suportêmo-la como um mal... necessário, uma vez que ela não é uma imagem subjetiva e sim uma realidade objetiva que devemos compreender e que a teologia arcáica procura entenebrecer favorecendo a incapacidade reacionária da inteligência humana que o mêdo aumenta e conturba, porque:

O homem que é forte
não teme da morte;
Se morre, descansa
dos seus na lembrança.
... morre o forte
no passo da morte
triunfa, conquista
mais alto brasão. (Gonçalves Dias).

Solilóquio

Por MANUEL CAVACO

MAIS do que as outras, aquela promessa crística de enviar à humanidade o «Consolador — o Espírito de Verdade», revela que Jesus Cristo é a Providência Divina, e qualifica, além do mais, de verdadeira e consoladora, a doutrina dos Espíritos que cooperam na perfectibilidade dos humanos; e é por aquêles dois primeiros predicados que mais se distingue a doutrina dos Espíritos.

Precisamente: o Espiritismo é constituido pela doutrina que os Espíritos superiores têem dado e continuarão a dar à humanidade; e por essa principal razão: a da sua origem, o Espiritismo é perene e indestrutível.

Jamais nenhuma potestade terrena conseguirá destruir ou obscurecer sequer, o Espiritismo da crença humana, porquanto «o Espírito sopra onde quer e ninguém sabe de onde vem nem para onde vai», como ensinam os Evangelhos do Cristianismo.

Sem dúvida: aquêles indivíduos que agora morrem a perseguir e a combater o Espiritismo, renascerão depois a difundí-lo e a defendê-lo, por simples dever consciencial.

De resto: a quem estiver livre de preconceitos e obrigações sectárias escolásticas ou não, de qualquer feição: política, religiosa, filosófica e outras, não lhe é difícil verificar e confirmar-se de que o Espiritismo é a ciência e a filosofia da vida do espírito, fulcro luminoso da formação consciencial de cada indivíduo na sua trajetória através da pluralidade de existências nos planetas e fóra dêles, no astral.

Tenhamos, pois, inteira confiança nas promessas de Jesus Cristo porque elas constituem o incentivo mais eficiente para a redenção de cada um dos humanos.

As existências são efêmeras mas a vida é eterna e nessa eternidade se desenvolvem os atributos espirituais de cada indivíduo até alcançar o mais elevado nível da espiritualidade crística.

Porto, 31 de Julho de 1955.

Religião e Ciência

AS CURAS PELO ESPIRITISMO

— VII —

A luz resplendente do Evangelho de Jesus sob a ação de bem orientada propaganda espírita, vem se projetando nos meios sociais brasileiros, como acontece em muitas nações, para criar os fundamentos da civilização cristã, conforme as verdadeiras finalidades do Cristianismo.

O aparecimento no Brasil, em grande número, de obras de assistência social, tais como, Sanatórios e Hospitais para curas de obsidiados e outras moléstias, Orfanatos, Escolas, Albergues, Asilos, Bersários e Creches, cumpre tais finalidades e aqueles que se entregam a êsse trabalho santificante com o ampararem os desherdados da sorte, estão incluidos no preceito evangélico, segundo Mateus, cap. 16, vers. 24: — «Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, tome sôbre si a sua cruz e siga-me».

Para seguirmos Jesus, é indispensável renunciarmos ás tendências que nos compelem à materialidade da vida e endurecem os nossos corações; cumprirmos fielmente os ensinamentos do Sermão da Montanha; exemplificarmos a nossa fé com obras que nos elevem perante a Justiça Divina.

Quando se trabalha pelo bem do próximo o amor entra em ação, e a caridade, na sua função providencial e consoladora, abre para os espíritos culpados, os caminhos da claridade espiritual.

O estímulo para os trabalhos dessa natureza, encontramo-lo nos atos da vida de nosso Divino Mestre e nas de seus apóstolos, entre os que mais se distinguiram e se sacrificaram, em todos os tempos, pelo triunfo da verdade evangélica.

Passando-se a considerar as curas de certas moléstias, tais como as obsessões e outras tidas ainda como incuráveis, pelos métodos terapêuticos da medicina acadêmica, verifica-se que elas se assemelham, em muitos casos, às que foram realizadas por Jesus e seus apóstolos, ao expelirem demônios (espirítos máus) dos corpos de suas vítimas.

Em face dessas curas, concluimos, que todas as realizações em benefício da Humanidade, obedecem às possibilidades científicas existentes, nas leis naturais conhecidas e nas desconhecidas, ainda não desvendadas.

Jesus elucida essa verdade ao afirmar «que nada há encoberto que não seja descoberto».

Essa afirmação de Jesus se constata, em nosso tempo, com o constante enriquecimento do patrimônio científico da Humanidade, através dessas maravilhosas descobertas, que dia a dia estão se realizando, em variados setores de atividades científicas, com a finalidade de melhorar as condições da vida humana, em todos os sentidos.

No Laboratório da Natureza, acumulam-se em estado latente, inumeráveis recursos destinados ao aperfeiçoamento dos meios de combate a todas as moléstias que afligem a Humanidade. E êsses recursos, à proporção que vão sendo conhecidos, melhoram com o seu emprego, as condições da vida humana, ao destruirem as causas de muitos de seus males e por apresentarem, constantemente, perspectivas mais promissoras.

Dessa forma, as curas espíritas que têm ocorrido em muitas épocas da História, com o testemunho de crentes de várias religiões — considerando-se imutáveis e exátos os princípios das ciências — não representam tais curas milagres inexplicáveis, pelo fato de não existirem efeitos sem causas, nos planos da vida universal.

Em relação às investigações psíquicas, já se conhece que o fluído magnético, descoberto pelo sábio alemão Mesmer, em suas variadas modalidades, exerce grande influência em todos os fenômenos provocados por essas investigações.

Assim, o fluído magnético animal, constatado pela ciência oficial, e o fluí-

do magnético espiritual, conhecido pelas experiências psíquicas, ligados, formam um método terapêutico mixto do qual se servem os espíritos desencarnados, de certa elevação, para realizarem os trabalhos de curas de determinadas moléstias.

Lemos na «Gênese», de Allan Kardec. «A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluído cósmico universal etéreo, deve poder, desagregando-se, voltar ao estado de eterização, como o diamante, o mais duro dos corpos, pode volatilizar-se em gaz impalpável. A solidificação da matéria não é, na realidade, sinão um estado transitório do fluído universal, que pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessem de existir. Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é suscetivel de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? Certos fenômenos, que parecem autênticos, tenderiam a fazê-lo supôr. Não possuimos, ainda, senão as primeiras balisas do mundo invisível, mas o futuro nos reserva, sem dúvida, o conhecimento de novas leis que nos permitirão compreender aquilo que ainda é para nós um mistério».

Em nossa época, já está se confirmando, em grande parte, o que presumiu o Codificador nêste importante livro de nossa Doutrina.

Possuindo, como possuimos, espírito ou alma, corpo físico e perispírito ou corpo fluídico, sabemos que êste último é formado pelo fluído cósmico universal e adpatado ás condições ambientes dos planetas habitados, conforme o gráu de elevação moral e espiritual de suas Humanidades.

Enquanto o corpo físico se transforma, como um conjunto que é de gazes condensados, que se desagregam e se evaporam com o fenômeno da morte, o corpo perispirital sobrevive com o espírito e o acompanha em sua evolução planetária, sofrendo as modificações impostas pelos meios ambientes dos planetas, nos quais tem de realizar a obra de seu aperfeiçoamento moral e espiritual.

O apóstolo Paulo em sua 1.ª epistola aos Corintios, cap. 12, vers. 40, alude à existência de «corpos celéstes e corpos terrestres», elucidando a missão de cada um dêles. No vers. 51 dêste mesmo cap. anuncia as transformações que se operam com o fenômeno da morte, e ainda, em outros vers. dessa mesma epistola, proporciona outros esclarecimentos condizentes com a elucidação que nos apresenta a Revelação Espírita.

Nas sessões práticas do Espiritismo as experiências vêem demonstrando que os perispíritos ou corpos fluídicos, apresentam sob a vidência de médiuns especializados, as características de atraso ou adiantamento dos espíritos que revestem.

Entre os atrasados, sofredores e máus, notam-se nos perispíritos manchas escuras com cintilações vermelhas, que produzem nos médiuns e nos assistentes dessas sessões, inevitáveis sensações de máu estar e de irritações nervosas, especialmente nas pessôas de natureza hipersensível; nos espíritos sofredores e relativamente felizes, essas manchas são poucas e as suas comunicações não produzem as sensações citadas; nos espíritos adiantados essas manchas não existem e as radiações de seus perispíritos são luminosas, em côres que variam, conforme o gráu de elevação dêsses espíritos, produzindo sensações de confôrto e bem estar nos meios onde se projetam.

Estudando-se os fenômenos da energia radiante, desde a menor que é a vermelha à mais elevada que é a violeta, deparamos com um mundo de conhecimentos ainda não desvendados em toda a sua plenitude.

Dentro dos limites dessas radiações e as côres intermediárias, o contacto dos respectivos fluídos, nas sessões experimentais do Espiritismo com médiuns especializados, apresenta um campo vasto de investigações, em consequência da variedade de fenômenos que se podem observar.

Se a luz é produzida para nós, em tais condições, pela frequência das radiações que enumeramos, no plano de vida em que nos encontramos, os fatos resultantes da fenomenologia mediúnica, demonstram as extraordinárias possibilidades de que dispõem os espíritos, no mundo espiritual, para surpreenderem nossos sentidos com realizações de fenômenos que não conseguimos esclarecer nos limites dos recursos da ciência de nossos dias.

ALBERTO LOPES.

(Êste capítulo conclúe no próximo número).

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

IX CAPÍTULO

A vida em Jatobá

1 — Não me lembro quando chegamos a Jatobá. Nem como e quando de lá saimos.

2 — Nem como e quando meu pai nos deixou alí, rumando para o Amazonas, que era, na época, a atração forte de espíritos aventureiros, pelo fastígio da borracha.

Lembro-me, entretanto, do pequeno fabrico de sabão que meu pai fundou e de que viviamos. E de um passeio que fizemos, um dia, num sitio perto. Eu comi muita melancia e fiquei doente. Voltei nos ombros de pessoa amiga. Lembro me de um fogareu que encontramos no fogão da fábrica de sabão, que deu trabalho para apagar. Lembro-me do irmãozinho, o Reginaldo, que aí nasceu e morreu. Como que estou a vê-lo, vivo e travêsso, a procurar, de gatinhas, buraquinhos no chão para enfiar o dedinho. E da casinha pobre, em que moravamos, na praça principal. No quintal, às noites de luar, a Odilia reunia amiguinhas com brincadeiras de roda. Uma de suas amigas era a Venera. De suas cirandinhas, a de que ainda me lembro dizia: A Canôa virou no fundo do mar, porque Venera não soube remar». Lembro-me das dansas a que iamos e das manhas que eu fazia, quando a Odilia não me tirava para dansar. Lembro-me de um criminoso que entrou em juri, sendo eu o escolhido para sortear os jurados, retirando as pedras da urna. Foi, até hoje, aquele, o unico juri que assistí! Lembro me de um homem que, um dia, entrou, montado a cavalo, baleiado no peito, cujo furo ia do peito às costas. E saia-lhe sangue do furo, sempre que fazia esfôrço para respirar. Lembro-me de um policial, o Antonio de Lirio, que, valente e desordeiro, andava apavorando toda gente. E do Padre Quincas, bom flautista, que fazia serenatas à porta do Juiz; serenatas de que era a Odilia, com sua bela voz de soprano, a figura saliente. E da modinha de sua predileção, bonita pela história triste, pelo suicídio da moça, que se atirara, desesperadamente, ao mar: *Eulina Formosa.*

3 — Começa assim a linda e comovente modinha, versos ajustados à música emotiva e triste, de que a cantora tirava partido apreciável.

Eulina formosa, gentil, engraçada,
Dos anjos fadada, vivia feliz.
Tranquila dormia, tranquila acordava,
O Céu lhe dourava da vida o matiz...

Prazeres fluia na paz do regaço,
Seu peito de aço ninguém dominava
Sómente à virtude seu culto rendia;
Dos homens sorria, de amores zombava.

Um jovem roubou lhe a paz de sua alma,
Com pufida calma, firmeza jurou.
A cândida pomba as juras ouvindo,
No laço caindo ao jovem amou...

4 — Lembro-me de um empregadinho da E. F. Jatobá a Pedras, chamado Alexandre Rocha, metido a engraçado. E mentia de brincadeira, muito, para fazer rir. Uma tolice que dizia, era motivo para toda gente rir. E êle, sério e grave: «Mas, eu, Chanduzinho da Rocha, não sou homem de mentiras...»

5 — Lembro-me do filho do dr. Sérgio, o Serginho. Era um desbocado. Saía pela rua, a cantar indecências, em voz alta. Meu pai, muito severo em questões de moral, proibiu-nos de brincar com o Serginho. O José, uma noite desrespeitou a proibição e foi brincar com o desbocado. Caíu de seu carneirinho e fraturou o braço. Com o braço entalado, metido na cama, diz-lhe o velho:

6 — Agora, meu filho? Ainda dói? Não? Vamos, então a nossas contas. A fratura foi o castigo de Deus. Mas, você desobedeceu também seu pai. Vai levar o castigo de seu pai...

E deu-lhe bolinhos com tábua de caixa de sabão, na outra mão.

7 — Levei, uma feita, dois bolinhos, — aliás, os únicos: — porque dei lingua, sem saber o que fazia, a uma preta velha, Teodora, que ia sempre em casa e mexia comigo...

Foi a única vez que apanhei de meu pai.

8—Lembro-me do Manoelzinho, um menino travesso, meu visinho e de minha

amizade, que me convidava, a miude, para suas travessuras.

Eu, tímido e medroso, não o acompanhava a elas. Ficava invejando-o a distância. Minha mãe sabia disso. Um dia, na enchente do S. Francisco, o Manoelzinho insistiu comigo para eu ir com êle ao banho. Quase que o segui. Êle foi só. Voltou, apenas seu cadáver, com os lábios, os olhos, o nariz, as orelhas, os órgãos genitais, os dedos dos pés comidos pelas piranhas. Levaram-me a ver o cadáver. Não suportei o golpe. Voltei para casa, apavorado. Fiquei sem dormir muito tempo, impressionado, com a morte de meu amigo, ao vê-lo assim a cada passo, a todo instante. E como custou a sair-me aquilo da lembrança e da impressão visual!

* * *

9 — Em Jatobá, frequentei a primeira escola, da que, aliás já falei no capitulo I § 8. Ia à escola por prazer, embora seus processos pedagógicos, que eu depois teria que aplicar nas escolinhas que fundei, deixassem muito a desejar. Aos sábados, argumentos, as *sabatinas* de hoje. Aos pequeninos como eu, que mal conheciam as letras, o professor abria um rasgo no meio de um papel, por que se podia ver uma letra, e colocava aquilo, salteado, as letras do alfabeto. E perguntava a nós. Os que sabiam, davam de palmatoria nos que erravam. Nas lições de taboada, o mesmo processo. Quando, para proteger o colega, o bolo saia fraco e mole, o professor, áspero e fingindo bôas maneiras:

— Ah você não sabe dar?! Vai aprender...

E espichava-nos um bolo em regra, forte e dolorido.

10 — Apanhei uma vez, num argumento, sòmente, — a despeito de sempre ter sido um aluno mais do que mediocre.

* * *

11 — As festas escolares daí!

Só me lembro das principais que mais me impressionaram: a de encerramento e a de reabertura das aulas. No último dia de aula, depois dos recitativos, o melhor aluno em conduta puxava um cordel preso por uma argola no alto do meio da sala de aula. A' extremidade do cordel, a palmatória. Batiam-se palmas e cantava-se o hino ao trabalho:

Trabalhai, meus irmãos, que o trabalho
Dá riqueza, virtude e vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
Brotam vida, cidades, amor...

12 — Na reabertura das aulas, a cena era diferente.

O dia de festa, era o dia em que a palmatória descia para espancar o primeiro rebelde. Do aluno espancado, recebia a palmatória o nome. Se o menino se chamava Manoel, aquêle ano inteiro a palmatória chamar-se-ia Manoelina. E era com requintes de ironia e ruindade que o professor dizia aos outros alunos que iam ser castigados:

— Venha cá, seu Pedro, receber um beijinho da Manoelina.

E dava com disposição os tais *beijos*.

13 — Aquele ano, se ficassemos até o fim, a palmatória deveria chamar-se *Josefina*, porque nenhum aluno recebera mais beijos dela, do que o José, meu irmão...

---

* * * Plantei a minha árvore e vejo-a agora coberta de flôres na Primavera! Nasceu da semente de um fruto saboroso que pôde nutrir-me em dado momento da vida. Para demonstrar gratidão a Deus, plantei a única semente que êsse delicioso fruto continha—e ela, poucos dias depois de lançada à terra, fazia emergir do solo um brotosinho que se foi rápidamente desenvolvendo e algumas semanas após abria-se em verdes folhinhas...

E' agora uma árvore possante. Deve ter os seus cinco metros de altura e cobre uma área de uns 15 metros de circunferência. Suas folhas, alternas, são grandes e espêssas. O vento já tem várias vezes tentado desarraigá-la, contorcendo-a violentamente. Numa das suas terríveis investidas, conseguiu derreá-la um pouco e a minha árvore ficou um tanto inclinada; mas foi lentamente fazendo o esfôrço próprio das árvores, no sentido da perpendicular, e está hoje quase refeita dos terríveis efeitos do furacão.

Acompanho o seu desenvolvimento há uns quatro anos, pois que se acha situada no pequeno quintal do apartamento térreo em que moramos, nesta cidade maravilhosa que o exagêro das construções tenta reduzir a uma cidade de cimento armado. Em tôrno do seu tronco, ainda liso e com uns tons verdes ainda, tão nova ela é, vicejam algumas cloxínias, cactus, manacás, «beijos» e até pequenos exemplares de pau Brasil, «urucum» e pinheiro brasileiro... Não é possível viver-se sem a amenizante companhia dos nossos irmãos vegetais. São êles que nos alimentam, são êles, sobretudo, com as suas renovações primaverís, que nos infundem à existência esta sublime euforia, de que me rejubilo no instante em que venho expandir meus sentimentos de adoração ao Senhor, graças à alegria comunicativa da minha árvore coberta de flôres!

Ao lado o «bonito lindo» se multiplica em seus alegres trinados; lá no outro extremo da casa, meu velho amigo sabiá-coleira canta, canta enternecidamente infundindo-me uma saudade sem limites da terra natal, dos seus bosques, das suas praias muito alvas, do marulho das vagas que o terral, pelo amanhecer, ou o nordeste, pela tarde, encrespam, toldando a serenidade da nossa encantadora Babitonga...

Se é assim o encanto que sentimos com a florescência das árvores, bem fácil imaginar a transbordante felicidade que experimentamos com o florescimento dos nossos filhos em virtudes e nobres manifestações de ânimo para o trabalho e para a sua consagração aos elevados objetivos da família e da sociedade!

Senhor! Venho, humilde e pequenino filho vosso, render-vos, nesta manhã jubilosa de Primavera, o íntimo culto da minha adoração a Vós, Pai, que nos comunicais a Vida, e com ela, todos os impulsos íntimos e grandiosos para o amor fraterno, para o trabalho, para a cooperação com os nossos irmãos em todas aquelas obras destinadas a servir, como Jesus exemplificou, à Humanidade!

Arnaldo S. Thiago. 2/10/955.

LIVROS e AUTORES — *Leopoldo Machado*

DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA, de *M. da Nobrega* — Recife

Foi numa situação de amargura em que nos botámos ao grande livro, DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA, de M. da Nogrega. Amargura decorrente de pavorosa demagogia religiosa. E dessas que só aproveitam a uma religião, a uma casta, de vez que também pensamos com o M. da Nobrega, que *é melhor fazer, demagogicamente, alguma coisa pelo homem do que, democraticamente, abandoná-lo.* (Pág. 96). Amargavamos a situação de revolta em que nos pusera a mensagem do Papa aos senhores bispos latinos, concitando-os a uma campanha organizada contra *inimigos da Igreja,* em cujo ról se põe, com destaque, o Espiritismo.

Ora, numa situação dessas, a leitura do livro de M. da Nogrega anima e conforta. Conforta e esclarece, ainda que lhe faltassem altas virtudes. E essas não são poucas. Sentimos, com a leitura do grande livro, muito confôrto, muito ânimo e esclarecimento.

O livro é dedicado a oito espécies de criaturas, todas vítimas de maldades de pigmeus que se supõem gigantes. Nós, como espírita, nos sentiamos injustiçado pela demagogia clerical. Colocado, portanto, entre os englobados na sétima dedicatória: «A todos os que crêem em Deus e tem fé no homem, e fazem dessa crença uma religião e dessa fé um ideal».

Perante pigmeus demagógicos, arvorados em semi deuses, confortam-nos, suavemente, pensamentos de gigantes de todas as épocas, como êste, de Tomaz Jefferson: «De todos os sistemas de moral antigos e modernos, nenhum me parece tão puro como o de Jesus». Purissimo — acrescentamos nós. — Impurificando-se, aquí e ali, por culpa exclusiva da demagogia maldosa do homem. E mais êste, de Einstein: «Se do Judaismo dos profetas, e do Cristianismo, na forma em que o pregou Jesus, fossem retirados todos os agregados postos posteriormente... ficaria de pé um sistema capaz de resolver todos os problemas sociais». São, exatamente, os agregados apareci-

dos posteriormente que emprestam demagogias a certas espécies de cristianismos... Os pensamentos em cita aparecem entre os 40 que enfeitam a abertura do livro. E todos, de absoluta oportunidade e carência.

O livro de M. da Nogrega é, na verdade, uma peça estupenda de pensamentos fulgurantes, que devem ser lembrados a cada hora; de conceitos e preceitos para todas as épocas; de raciocínios claros e precisos, irretorquíveis. Podemos ajuizar, por tudo isso e mais pela obra em si mesma, quanto lhe custara selecionar tudo e escrever o livro! Sabemos ajuizá-lo, porque conhecemos bem, de consciência própria, a tarefa de escrever e publicar livros. Conhecemo-la bem, porque temos sido um teimoso dêste labor... que quase escrevemos, *teimoso de labor improbo*. Improbo labor para escritor de grande público, quanto mais para um pobre rabiscador, como nós, somenos e obscuro. Bem andou, por isso, M. da Nobrega assinalando, à pág. 256 «que a Prefeitura paulista classificara o livro, para efeito da cobrança de imposto de industria e profissão, na tabela J, uma das mais altas, ao lado de lupanares, enquanto foram para a letra A, das mais baixas, fichas para jogo, baralhos, cerveja...»

Não foi coisa assim que se fez aí mesmo, em Recife, durante o Estado Novo, com o Espiritismo, cuja licença para funcionar centros espíritas era cobrada como licença para casas de jogo, para cassinos e cabarés? Foi isso que lemos, naqueles idos dolorosos em A NAÇÃO.

Ora, se em S. Paulo, o Estado lider do Brasil, trata-se o livro dêsse jeito e por essa forma...

E a crítica literária.

Nos moldes a João Ribeiro e Humberto de Campos, já não existe. Ninguém dispõe de tempo para ler e escrever sôbre a obra alheia... a menos que se trate de *panelinhas*. Dir-se-á que se trama, surdamente, uma campanha contra o livro, contra a bôa literatura, contra aqueles que escrevem... ainda que se trate de um M. da Nobrega!...

Contudo, ainda se escreve, e escreve-se muito! Ainda se edita livro! Ainda há quem leia e opine sôbre o livro alheio... até para elogiá-lo merecidamente.

Êste, o nosso caso, embora nos falte, para tanto, *engenho e arte*.

* * *

Lemos, com efeito, o DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA, deslumbrando-nos a cada página, em cada capítulo. Lemo-lo com a dupla responsabilidade, porque por nós mesmo, gratissimo ao volume que nos coube com honrosa dedicatória, e em nome de O CLARIM, de que somos julgado, embora à distância, redator e até... *crítico literário*... Lendo-o assim, e tratando-se de um livro que nos agradou superiormente, fomos anotando tudo, riscando todas as páginas, soblinhando pensamentos e frases, conceitos e preceitos...

E chegamos a reler páginas, no propósito de aproveitar ao máximo a cultura, o sistema de opinar e de argumentar, a forma do autor criticar homens e coisas. E chegamos, conscientemente á conclusão contrária daquela a que chegára o autor, no prefácio: não julgamos fácil encontrar quem faça coisa igual, e tão imparcial, quanto mais coisa melhor!

A despeito de nossa discordáncias — nós, que, lemos, no introito do volume, que «é preciso adquirir o hábito de discordar...» a despeito de discordarmos de alguma coisa — discordamos, por exemplo, de seu modo de ver, sentir e julgar o Freud e sua obra — a despeito disso, aqui estamos para declararmos, *altissima voce*, que o DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA foi o livro mais forte, mais lógico, mais oportuno do ano. Ou melhor: foi a obra mais oportuna, mais lógica e mais forte que lemos nesses últimos tempos.

Destacar capítulos? Salientar páginas? Citar frases?

Fôra o trabalho de elaborar outro volume, de escrever outro livro. Sinão, coisa maior, como fizera, com mais engenho e arte, Ruy Barbosa, no PAPA E O CONCÍLIO, a propósito da obra de Janus. Queremos, contudo, chamar a atenção do leitor para dois capítulos, que foram dos que nos chamaram mais a atenção; por julgarmo-los os mais objetivos, os mais fortes, os mais concretos: o XIII: *Acabaram-se os Materialistas*, e o XVIII, A CIÊNCIA, — *Suprema e Ultima Esperança*...

* * *

Não compreendemos o simbolismo do desenho da capa: duas cabeças, a de um adulto, fisionomia aberta num riso discreto e a cara mais moça de um garoto, rosto baixo e semblante triste. Tudo, posto num quadro pequenino. Mas, o desenho trouxe-me à lembrança o nome do autor: Zuleno Pessôa. O autor do desenho já fôra, nos idos de 1942, uma grande amisade e, de nossa parte, uma grande admiração. Conhecemo-lo na primeira viagem que fizemos ao *Leão do Norte*. Trouxemos, oferta sua, um lindo quadro, em aquarela, que o conservamos em lugar de destaque em nosso quarto, de que até falamos no IDE E PREGAI. Inaugurando-se o LAR DE JESUS, enviou-nos êle, duas outras preciosidades, emoldurados — dois quadros de admirável simbolismo cristão — que estão chamando a atenção de quantos visitam o LAR, porque colocados, também, em posição de destaque no seu dormitório. Além do mais, elaborou muitos desenhos — qual a qual mais interessante, para livrecos nossos: IDE E PREGAI (viagens), ILUMINAÇÃO (poesias) PARA O ALTO, (contos) INQUERITO ORIGINAL (em colaboração com outros autores), NA SEÁRA DO SENHOR, ainda inédito. Escrevia-nos a miude, cartas fraternas e bonitas, que nós, dentro de nosso critério de não deixar carta sem resposta...

Ora, depois disso tudo...

A um confrade, seu conterrâneo, lamentamos, constrangido, esse hiato em nossa amizade. E êle perguntou-nos incisivamente:

— Você chegou a pagar-lhe alguma coisa?

— Não. Pois êle nos dissera em carta, que não fazia preço, nem aceitava pagamento para aquilo que saia de sua amisade...

O autor de DEMAGOGIA POLÍTICA E RELIGIOSA há de desculpar-nos que tragamos essas coisas tão fóra de propósito para este trabalho sôbre seu livro.

São, porém, coisas íntimas, fraternas, emocionais, que nos fazem bem, porque se trata de criatura que continuamos querendo bem e admirando, como a poucos admiramos e quisemos tanto...

O CETICISMO NO PROBLEMA METAFÍSICO DA RAZÃO

AMADEU SANTOS

(Bibliografia: Súmulas de aulas do Prof. Jerzy Zebrozeb, notas de aulas do Prof. Julio Barata, «Noções de Histõria de Filosofia» de Leonel de Franca, «Curso de Filosofia Elementar», de Joaquim Alves de Sousa).

Na filosofia como ciência do conhecer — envolvendo, portanto uma das partes mais filosóficas da filosofia ou seja a Metafísica, que Aristoteles chamou «Filosofia Primeira» ou «Ciência que Procuramos» — deparamos com um tipo familiar de juizos: juizos de valor, referentemente ao problema do valor do conhecimento em geral, afeto à Gnoseologia ou Cristeriologia. Trata-se aquí de saber se, de um modo geral, podemos saber algo com certeza, isto é, se o conhecimento certo está ao alcance de nosso espírito. Esclarecendo, podemos notar que ninguém duvida de suas próprias afirmações, mas é legitimo duvidar do valor de tais afirmações. Afirmamos, por exemplo, seguindo o nosso bom senso expontâneo e ináto que tudo que acontece tem, necessáriamente, uma causa que lhe corresponde. Mas cumpre saber qual o valor objetivo intrínseco de semelhante afirmação. Eis porque pode ser lícito perguntar-se-nos se ao formularmos êste principio (de causalidade) estamos jungidos ao determinismo de certos hábitos mentais, ou passíveis de nossa crença (Hume) ou se obedecemos às leis do nosso pensamento subjetivo, leis pré-formadas e próprias do nosso espírito (Kant) ou se traduzimos nesta afirmação uma realidade objetiva, como as «verdades de razão». (Leibnitz).

O problema gnoseológico é de suma importância filosófica, mantendo em suspenso o valor de todos os nossos juizos, o valor da própria filosofia e, sobretudo o valor da ciência. Êste problema é conhecido pelo nome de «Teoria do conhecimento» ou ainda «o problema crítico do conhecimento humano». A fi-

losofia tradicional ou dogmática se declara a favor da competência da razão para atingir certezas próprias, isto é, *racionais* e não confinadas na simples experiência, admitindo a competência da razão para chegar ao conhecimento das realidades ultra-sensíveis. Daí ser, a Metafísica, verdadeira e autêntica ciência, visto possuir os caracteres dominantes da ciência: objeto próprio (o além do experimental) e conhecimento certos (as certezas racionais).

O Positivismo adota uma posição segundo a qual o *cognoscivel* é reduzido ao *sensível*. E' a valorização do empirismo, sistema segundo o qual, a realidade é inteiramente confinada na experiência.

O Bergsonismo é uma atitude oposta ao dogmatismo e ao positivismo. Combate o intelectualismo da filosofia tradicional, enquanto que reduz à expressão mais simples o conceito positivista da experiência sensorial. Bergson, baseando-se no *intuicionismo*, fica no positivismo metafísico, exemplificando com a experiência dos grandes místicos, como S. João da Cruz, Tereza D'Avila e S. João Crisóstomo.

O Relativismo Filosófico

Ainda no problema crítico ou metafisico da razão, forçoso é considerar o relativismo. Trata-se de uma atitude filosófica segundo a qual o conhecimento racional é sempre viciado de relatividade: para os associacionistas é relativo às experiências individuais; para os evolucionistas é relativo às experiências adquiridas pelas espécies e por via hereditária; para Durkheim é relativo o meio histórico, pois é, «filho da cidade»; para o Apriorismo Kanteano a relatividade está entre os princípios racionais e a própria constituição do nosso espírito.

O Ceticismo

O ceticismo, finalmente, é uma pretensa atitude do espírito que erige a dúvida em normal geral, segundo a qual nenhuma certeza está ao nosso alcance, nem no domínio experimental, nem no campo racional. A rigor, o ceticismo não deveria tomar parte no debate do problema do conhecimento, visto que êle mesmo, pela posição que sustenta, adotando a «epochè», se elimina do terreno da disputa. E', assim, uma espécie de intruso nos problemas críticos da verdade, da certeza cientifica e da objetividade do conhecimento. Hoje, praticamente, tal doutrina não recruta mais adeptos, pelo menos na sua forma radical, seja o ceticismo universal, absoluto.

Podemos resumir os argumentos do ceticismo assim:

1.º) Qual a garantia objetiva de que o mundo, no qual se desenvolve o nosso pensamento, seja de consistência diferente do ilusório, que construimos os nossos sonhos? Ora, quando sonhamos, acreditamos na realidade dêsse mundo sonhado, mas quando despertamos reconhecemos o nosso evidente êrro. E como saber se o mundo real é de natureza diferente do ilusório ou seja do por nós sonhado? Quem sabe se um dia não despertaremos do nosso sonho atual relativo à concepção do mundo real e não perceberemos o êrro secular em que temos sucessivamente incorrido?!... Os nossos devaneios, então, poderão ser naturalmente diluidos, desfeitos!

2.º) Pretendendo demonstrar a impossibilidade do pensamento, raciocinam os céticos ainda assim: ora, para distinguir o que é certo do que é errado, recorremos ao testemunho da razão, isto é, ao nosso árbitro supremo, ao nosso juiz infalível: a razão. Muito bem. Mas quem é que vai julgar êsse juiz? E quem pode garantir que não seja êsse suposto juiz a fonte de todos os enganos, de todas as mistificações? Acontece que não dispomos de um tribunal no qual se faça submeter a razão. E nêsse caso, a razão não pode ser juiza de si mesma, apresentando-se, por isso mesmo, sem títulos, sem credenciais, no debate sustentado. Com efeito, os dogmáticos, que admitem a certeza e o valor da razão como instrumento habil de conhecer, se esquecem de que, justamente, é a razão que está sendo levada à barra do Tribunal como ré, sentando-se no banco próprio e fazendo-a juiza de si mesma! Logo, o dogmatismo comete um êrro fundamental, logicamente chamado de «*Petitio principie*». Está num círculo vicioso. E' o argumento do *Dialelo* e que Montagne sintetisa nesta fráse histórica: «*Nous Sommes au rouet*» voltamos sempre ao ponto de partida. «Curiosa justiça» — assinala ainda Montagne — que um rio delimita; não ha crime que no de-

correr dos séculos não tivesse seu lugar na história da justiça. Verdade áquem dos Pirineus e êrro além dos Pirineus! Francisco Sanches — o filósofo brancarense — seguiu-lhe as pègadas, tentando inutilmente invalidar o dogmastismo filosófico. Suas idéias estão impregnadas dum cetismo superado.

O Ceticismo às vezes se apresenta mitigado sob a denominação de *probabilismo*. A verdade segundo esta doutrina, não está ao nosso alcance, mas por falta dela, podemos pelos menos vislumbrar, conhecer o *verossimil!*

E podemos agora argumentar que o ceticismo é uma doutrina verdadeiramente insustentavel, estribado nos próprios argumentos dos seus defensores. Vejamos: os céticos afirmam que «nunca afirmam nada e que, mesmo afirmando, o que não afirmam, nada afirmam!» Ora, esta frase nada mais é que uma justaposição de palavras que não exprime nenhum pensamento, que nada tem de inteligível. Pois, que significa a frase «mesmo afirmando eu nada afirmo»? Frase sem correspondência no pensamento, que o espírito não pode realizar e que, no fundo, constitue uma violação do princípio de identidade, que tem como caracteres a evidência, a necessidade e universalidade. Assim é que, afirmando, afirmo, e, não afirmando, nada afirmo. E' curial e lógico. Aliás em primeiro lugar, o ceticismo, na sua modalidade radical, na realidade, nunca prevaleceu e não pode prevaler jamais. Pois, como observa Aristoteles, só um vegetal poderia realizar as condições exigidas pelo verdadeiro ceticismo, das quais a primeira e principal consiste em não *pensar*. Mas pelo menos o vegetal — acrescenta, irónico, Aristoteles — nada diz: êle permanece calado!... Aliás — observa ainda o Estagirita — gostaria de saber porque os céticos, no momento de almoçar, não se lançam num abismo! Esta atitude dos chamados céticos, pelo menos, revela uma coisa e que êles sabem distinguir perfeitamente um almôço de um abismo! Tem razão o mestre de Teofrasto.

Não há um pensamento que não pense nem um saber que não saiba. Assim, o ceticismo será um novo sistema sofístico ou um corolário dêle.

Em segundo lugar, o outro argumento dos céticos — «Petitio principie» — parece voltar-se contra o próprio ceticismo, pois que rejeita o valor do conhecimento, especialmente o racional, mas é justamente raciocinando que êle rejeita o valor do raciocínio, já que é em nome dêle que o repudia. E' raciocinando que êle prova, tambem, não acreditar no próprio raciocínio. Aliás, a frase de Montagne «Nous sommes au rouet», repousa num êrro lógico que êsse fideista ou cético moderado atribui ao dogmatismo. Realmente, para o ceticismo, só é possível aderir ao valor da razão depois da demonstração dêsse valor. Ora, sendo isso impossível, «nous sommes au rouet»! Mas aí é que está o êrro, pois resta saber se tudo deve ser demonstrado, isto é, por exemplo, se aderimos ao *princípio de identidade* em conclusão de uma demonstração preliminar. Não é verdadeiro sòmente o demonstrável. A propósito, já sabiamente sentenciava Aristóteles: «O princípio de uma demonstração não é uma demonstração». Quer dizer que na série de raciocínios e preposições que forma um encadeamento de uma preposição, chegamos sempre ao demonstrável.

Quanto ao probabilismo, já Santo Agostinho fez, em termos conscienciosos, uma crítica desta doutrina. Como admitir - pergunta Santo Agostinho — o *verossimil*, isto é, o que parece verdade? Como se pode falar de uma semelhança com aquilo que, por definição, não podemos saber? Logo, pelo exposto, fica provada e explicada a ausência do ceticismo na discussão do problema crítico, desaprovando a atitude de alguns autores, insistindo em fazer intervir o ceticismo no problema gnoseológico. O Ceticismo aconselha a *epochè* — a suspensão do juizo, mas *julga*, ao negar a possibilidade do conhecimento. A escola cética procurou demonstrar a *ataraxía* ou tranquilidade do espírito, que é condição de felicidade (princípio da indiferença universal). Pretendia que *nada fôsse certo!*

História do Ceticismo

Tivemos Enesidemo de Créta, que teve escola em Alexandria e criticou a noção de causalidade. Sexto Empírico é ainda o cético ligado ao pensamento grego, tendo escrito as «Hypotiposes Pirrônicas» e «Contra Matemáticos».

Ceticismo prático (Timão)=ao pro-

babilismo (Academia Nova), segundo Brochart, em sua obra «Os Céticos Gregos». O mais radical dos céticos, no entanto, é Pirro, que, em muitos passos de sua doutrina, lembra Sócrates. Disse muito e escreveu pouco. Contribuições posteriores foram acumuladas à obra pessoal de Pirro. Platão já argumentava: «Tu sabes o que dizes ou não sabes. Se sabes tens conhecimento; se não sabes então és um insensato». E' um argumento contra o ceticismo, total. Os sofistas foram precursores do movimento cético. Era, ou o relativismo (Protágoras) ou nihilismo (Górgias). A rigor, o ceticismo tinha, em geral, um caráter mitigado e não radical. O ceticismo é um sistema que nega à inteligência a possibilidade de atingir a verdade. E', ou universal, ou particular. O absoluto é o Pirrónico. O mitigado é o acadêmico de Carnéades e Argesiláu. Existe o ceticismo particular ou agnosticismo. O ceticismo positivista é um ceticismo particular. A atitude de destruir o dogmatismo já é uma posição insustentável. O cético radical tem que suspender o julgamento, isto é, fazer a *epochè*. Daí a impossibilidade da discussão.

Os céticos apresentaram dez *tropes* (aporias), mais tarde reduzidas a cinco por Enesídimo:

1.°) A diversidade dos animais;
2.°) As diferenças entre os homens;
3.°) As diversidades do sentido;
4.°) As circunstâncias;
5.°) As situações, a distância, os lugares;
6.°) As misturas;
7.°) As variações quantitativas;
8.°) Relação;
9.°) A frequência e a rareza;
10.°) Os costumes, as leis e as opiniões.

Essas são as razões pelas quais a verdade não é possível para o cético. O Ceticismo vai sofrer a reação do célebre bispo de Hipona.

Husserl, com a sua *fenomenologia*, adota a *epochè*, e por isso mesmo, sua posição é a de um cético moderado, pondo a existência entre parentesis. Heiddeger, seu discípulo, de quem se separa, vai ao plano das existências. Daí a fenomenologia existencialista.

Convém não confundir a *epochè* com a dúvida crítica de Kant nem com a dúvida metódica de Santo Agostinho e Descartes. Kant, provisòriamente, estuda a possibilidade da razão, (CRÍTICA DA RAZÃO PURA), para conceber a verdade. A dúvida carteseana é a instrumental e provisória. Com esta espécie de dúvida estão noventa e nove por cento dos filósofos de todos os tempos, podendo incluir-se nêsse número o célebre Claud Bernard.

Heráclito, por se recusar a aceitar o *testemunho dos sentidos*, é apontado como partidário do ceticismo absoluto, embora essa posição não lhe seja assinalada por muitos autores. Evidentemente, afirmava o efesíno: «Tudo escorre, tudo flue, nada pára; nada é, tudo está sendo. O universo é como um rio: ninguém se banha duas vezes nas águas do mesmo rio»! O que existe de constante é a mutalidade, a transformação.

Parmênides — o antípoda intelectual de Heráclito — quando negava o movimento, pregava o ceticismo. Também negava o testemunho evidente dos sentidos. E daí a reação sofística contra ambos. Mas os sofistas, conquanto demolidores, provocaram a maravilha da reação socrática. Sem êles, Sócrates não seria compreendido!...

Crônica Estrangeira

Um caso original

«Reformador», transcrevendo um telegrama de Modena, Itália, dá-nos conhecimento do seguinte fato, na verdade original:

«Um fato original verificou-se nesta cidade. Um burro desconsolado, conseguiu, à fôrça de coices, incorporar-se no cortejo que acompanhou os restos do seu dono, Ariosto Malavasi, ao cemitério. O animal saiu da cocheira, chegou até ao ataúde e, ao ser expulso, começou a dar coices em todos os que o queriam afastar do local. Para resolver a estranha situação, os parentes do morto permitiram

que o burro acompanhasse o féretro até ao cemitério.

Esta manhã, muito triste, o burro permaneceu na cocheira, recusando-se a aceitar qualquer alimento».

E *«Reformador»* comenta: «E os homens teimam em afirmar que os chamados irracionais não têm alma...

«Êste burro provou que a sua alma é bem mais evolvida que a de muitos dos seus «irmãos superiores». Que bela lição!»

Perfilhamos, por completo, o comentário.

⁂

Mistérios do Além

«Estudos Psíquicos»

Voz Informativa, da cidade do México, insere em seu número de Junho este relato do médico Carlos de Archevald:

«Numa localidade do Estado de Michoacán, perto de Apatzingán, fui chamado em consulta e, depois do trabalho, com a gentileza proverbial dos habitantes, foi-me oferecida uma aromática chávena de café e no meio da conversa surgiu este relato:

«A senhora M., dona da casa, disse-me: «Esta é minha irmã, esta é minha filha e estoutra é minha sobrinha, que testemunharam o que vou dizer-lhe.

«Minha irmã mais velha, que não está presente, casou com um agricultor, homem honesto mas reservado e nada comunicativo. Em casa não faltava nada, mas também não sobrava, pois era muito parcimonioso nos gastos.

«Inesperadamente morreu o meu cunhado. A viúva ficou pobre e fomos viver com ela. Um dia, na cozinha, apresentou se-lhe o marido morto e ela lançou um grito e caíu no chão. Dias depois estava a coser à máquina e tornou a repetir-se a mesma cena. De outra vez, estava na cama e repetiu-se novamente o caso.

«Os cônjuges tinham um compadre que era agricultor. Estava este a selar o cavalo para sair, quando lhe apareceu o compadre morto. Como é natural, isto causou-lhe sobressalto. Mas o compadre disse lhe:

« – Não tenha receio. Você pode resistir-me. Quís falar três vezes a minha mulher, mas ela não resistiu. Diga-lhe que não voltarei a importuná-la, nem a você. Debaixo do forno que fiz em minha casa há uma grande quantidade de dinheiro em pesos de prata, antigos, que são para ela.

«O compadre dirigiu-se à casa da comadre e, ao perguntar-lhe por que lhe não tinha comunicado a aparição, disse que só os seus familiares sabiam disso, indagando também, como tivera ele conhecimento do caso. Êste narrou-lhe o sucedido; e, pedindo uma picareta, rompeu o forno e debaixo dele encontrou seis latas (das que se usam com álcool) cheias de pesos, que entregou à comadre».

Muitas aparições dêste gênero são provocadas pelo desejo que têm as entidades de comunicar qualquer coisa importante. Se a viúva estivesse preparada, teria interrogado o espírito, em vez de sucumbir ao fenômeno.

Tudo isso prova que a morte não existe e que a sobrevivência apresenta caráter específico, segundo a índole e tendências do indivíduo.

Por vezes, as aparições pedem missas «para seu descanso». Trata-se de espíritos que eram católicos na vida terrena e «morreram» convencidos de que as missas eram indispensáveis ao seu descanso no Além.

O que não há dúvida é que o relato merece a maior confiança, pois foi enviado à revista citada e dedicado ao general de divisão D. Ramón F. Iturbe, dilécto amigo do médico.

⁂

Um sonho trágico

Psychic News, de Outubro de 1954, conta que Vincent Coomber, criança de 5 anos, moradora na Rua de S. Pedro, n.º 32, em Sandwich, sonhou que caía ao rio e se afogava.

Dias passados, Vincent brincava com dois amigos à borda da água. Súbitamente perdeu o equilíbrio e caíu ao rio.

Os companheiros de Vincent chamaram por socorro e dois rapazes que estavam próximos, num bote, conseguiram salvá-lo, embora com custo.

E os pais e a avó de Vincent começam a acreditar que pode haver qualquer relação entre o sonho e a realidade...

⁂

Praticando a caridade depois da morte

«Star» — segundo «Revue Spirite»

Por ocasião da morte da princesa Piombino, falecida em Roma, aos 84 anos, o *Star* recordou a aventura póstuma da mãe da defunta, que foi Lady Gwendoline Talbot e que desposou, em 1835, o princípe Marco Antonio Borghèse. A princesa morreu depois de casada cinco anos, quando tratava de coléricos. Seu marido quís que ela fôsse sepultada com um magnífico anel ornado de valiosa safira, inumação realizada na Igreja Santa Maria de Roma.

Poucos dias depois dos funerais, prenderam certa mendiga, nas ruas de Roma, que trazia o anel em seu dedo. Ela afirmou que estivera a rezar na igreja, quando lhe apareceu a princesa morta, e lhe entregou a joia. Verificação feita, constatou-se que o túmulo não apresentava sinais de profanação. Foi aberto o féretro chumbado. A safira lá não estava. O princípe Borghèse intercedeu e obteve que a acusada fôsse despronunciada do suposto roubo, e, mais ainda, assegurou o bem-estar da mendiga até o fim de seus dias.

—

The Progressive Thinker citou o caso curioso duma comunicação por meio do *oui-ja* onde pousaram as mãos dois meninos *que ainda não sabiam escrever.* Nessa noite o pai havia tentado, mas em vão, obter uma comunicação escrita. Por brincadeira quiseram os garotinhos tentar a prova. Imediatamente o lapis desenhou, perfeitamente, um navio sôbre um mar agitado. Em seguida, foi traçado o nome «Emmanuel». Ora, Emmanuel era o nome do avô das crianças, morto antes do nascimento destas e que fôra, durante 21 anos, oficial de marinha.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 54.087,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

Valioso Donativo

Satisfazendo um desejo manifestado pelo seu querido Chefe, já desincarnado, a exma. família do Dr. Augusto Militão Pacheco, que foi um dos mais abnegados trabalhadores da seára espírita, fez o importante donativo de Cr. $ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros) para o Centro Espírita «Amantes da Pobreza» de Matão.

Solicitando a Jesus que tenha no seu reino o espírito do querido amigo Dr. Militão Pacheco, agradecemos à sua exma. família o valioso donativo almejando-lhes paz e saude.

Sanatório «Bezerra de Menezes»

Sob a presidência de s. exma. o sr. Secretário da Viação e Obras Públicas do Estado, dr. João Caetano Alvares, foi inaugurado no dia 14 de Agosto último, em Pinhal, o Sanatório «Bezerra de Menezes», uma das mais notáveis obras espíritas de assistência aos enfêrmos de moléstias nervosas e mentais, bem como de toxicomanias, tratando, igualmente, das obsessões.

O Sanatório «Bezerra de Menezes» já está recebendo doentes, não só da cidade, mas também de fóra. Tem uma secção para doentes gratuítos, que são tratados com o mesmo carinho e zelo dispensados aos que pagam.

Afim de que o Sanatório possa contar com recursos, são admitidos doentes a pagamento, de todos os lugares, o que é indispensável para a sua manutenção.

Pinhal é cidade de clima ameníssi-

mo, dotada de água de primeira ordem, além de ser um centro social bem desenvolvido, tratando-se de magnífica cidade do interland paulista.

O Sanatório está equipado de tal modo a poder atender integralmente ao fim a que se destina.

Tratando-se de uma instituição espírita que começa a sua luta agora, espera-se que os espíritas contribuam com os seus donativos para a sua manutenção.

Anuário «Amigo Germano»

Do Centro Espírita «Amigo Germano» com séde em Pôrto Alegre, Rio Grande do Sul, recebemos um exemplar do *Anuário Amigo Germano* referente aos anos 1954-1955, o qual insere diversas fotografias, relatórios e balancetes, que são um testemunho eloquente do grande trabalho assistencial que referido Centro vem desenvolvendo.

Além do amplo prédio da Escola de Aprendizagem Profissional, já inaugurado, está em fase de conclusão o novo edifício do Lar do Amigo Germano que conta com uns três andares, prédio amplo, de construção moderna, isto além de outras construções executadas pelo Centro Espírita Amigo Germano, que mantém diversos Departamentos de assistência espiritual e material, bem como escolas primária e de Aprendizagem Profissional, além do Lar do Amigo Germano, com Educandário para crianças.

O trabalho que referido Centro vem desenvolvendo na seára espírita, é o milagre da fé e da boa vontade e é digno de ser imitado por todos quantos querem trabalhar de fato na seára espírita ou cristã.

Prof. Aleixo Victor Magaldi

E' com alegria que noticiamos ter sido o confrade A. V. Magaldi convidado pela Faculdade de Farmácia de Ouro Preto, famosa Faculdade da ex-capital de Minas Gerais, para examinador no concurso para catedrático de Química Toxicológica e Bromatológica, a se realizar proximamente na dita Faculdade. Nosso confrade é catedrático da referida cadeira na Faculdade de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fóra, de Minas e ali por longos anos, militou nos meios espíritas, estando residindo nêstes últimos anos em Volta Redonda, no Estado do Rio, onde é nosso correspondente e presidente da Associação Espírita Estudantes da Verdade.

Levamos ao ilustre Prof. A. V. Magaldi as nossas congratulações pela distinção recebida com o convite mencionado.

Cumprindo-se Profecias

Luiza P. C. Branco

O professor Mario Ferreira, que já escreveu o livro — «Veredas da Paz», com toda a proficiência de um verdadeiro professor, publica, com os mesmos predicados o livro — «Cumprindo-se Profecias». E' a compilação das atas registradas sobre sessões de efeitos físicos realizadas em mais de um local e, por fim, fixada à avenida Olimpio da Silveira, 331, com o grupo constituido como deve ser, de pessoas que formaram o Instituto de Pesquisas Metapsíquicas. Não só as do grupo como seus visitantes, são pessoas de idoneidade inatacavel o que torna o seu testemunho valioso. O livro pode ser considerado, de entre outras demonstrações do seu valor, em duas partes: os relatos das sessões, com todos os fenômenos que já conhecemos de levitação, voz direta e materializações, além dos belos ensinamentos dos desencarnados, e a parte que considero importantissíma em que o prof. Mario Ferreira sugere a criação de um curso, nas escolas de formação de professores, de metapsìquica. Êle diz: «Mestres assim formados, com a necessária cultura científica sobre assuntos transcendentes referentes às verdades essenciais oriundas do Cristianismo estariam mais aptos para o exercício da espinhosa missão de instruir e educar, do que muitos dos educadores atuais que, por não terem a aludida cultura, não alimentam qualquer convicção sobre certas verdades... Mestres que saberiam que as verdades científicas constatadas são comuns às religiões, e que, por isso, seriam tolerantes para com todos os credos, que tambem cooperam, de um modo ou de outro, para a educação». Podemos ir mais alem e aceitar que mesmo os alunos materialistas, se tiverem amor ao estudo e à profissão, com o fito de encontrar, descobrir, constatar, ou desmascarar, teriam talvez, maior interesse em tais estudos e pesquisas que os levariam à evidência pro-

vada da eternidade da vida. Sabendo ser eterna a vida, encarariam as verdades de modo mais alto e claro do que os que se restringem ao âmbito estreito de alguns anos e apenas neste planeta. Vencedora a sugestão do prof. Mario Ferreira, a ciência se revelaria àqueles que a amam, praticam e aplicam de maneira eficiênte não apenas dentro do seu campo científico mas, espraiando-se e irmanando-se com todas as manifestações misericordiosas da onisciência do Criador. Tanto o relato das sessões como a sugestão do Autor devem ser conhecidos e considerados por todos os que amam a Verdade e desejam libertar-se por ela.

De «O TEMPO», de 18/10/955.

1.a Concentração de Mocidades Espíritas do Noroeste do Estado de São Paulo

De conformidade com a resolução tomada pela U. S. E. e a Juventude Espírita da cidade de Andradina, séde de região da zona noroeste, deverá ter lugar na cidade de Penápolis, Estado de S. Paulo, nos dias 5, 6, 7 e 8 de Janeiro do ano próximo, a *1.ª Concentração das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo*, que contará com a presença de Delegações de todas as juventudes das regiões de Baurú, Marilia, São José do Rio Preto, Araraquara, etc.

NECROLOGIA

FRANCISCO SPINELLI

A fileira espírita acha-se novamente desfalcada. Desincarnou no dia 8 do mês passado o nosso estimado amigo e confrade Francisco Spinelli, presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul e um dos mais ardorosos propagandistas do Espiritismo pela palavra escrita e falada e pelas suas obras cristãs de amor ao próximo.

Nasceu Francisco Spinelli a 31 de Dezembro de 1893, na localidade de Sala Consilina, Província de Salerno, Itália, sendo seus progenitores José Spinelli e Amalia Lande Spinelli.

Aos 18 anos incompletos veio para o Brasil, cuja cidadania viria a adotar mais tarde. Localizou-se, inicialmente, em Vacaria, como alfaiate.

Aos 22 anos casou com a Exma. Sra. D. Adolcina Araujo Spinelli, de cujo consórcio houve 14 filhos. Desses, desencarnaram: sete em tenra idade, e Clarinda, com 16 anos.

Francisco Spinelli, nessa época, foi católico romano praticante. Quando noivo, começou a ler o «Reformadór», na casa de seu futuro sogro, Frutuoso Luiz de Araujo. Interessava-se, a princípio, exclusivamente pelo vernáculo, que queria aprimorar. Quando morava em Encantado, tendo feito uma viagem a Pôrto Alegre, adquiriu nessa Capital, os livros de Allan Kardec, e começou a estudar a Doutrina, juntamente com a esposa, fiel e dedicada companheira.

De Vacaria volveu para Bom Jesus, em 1922, quando passou a dedicar-se mais ativamente ao Espiritismo.

Ocupou diversos cargos publicos. Foi guarda da Coletoria Estadual de Encantado, Subintendente e Subdelegado de Polícia em Bom Jesus, secretário e tesoureiro da Prefeitura daquela Comuna, substituiu o Prefeito e o escrivão da Coletoria Estadual de Bom Jesus.

Em 10 de Agosto de 1936 passou a integrar o Quadro dos Provisionados da Ordem dos Advogados do Brasil, Secção do Rio Grande do Sul.

Francisco Spinelli teve papel de relevo na vida do Espiritismo no Brasil. Foi Diretor da nossa prezada colega «A Reencarnação», um dos baluartes da imprensa espírita.

E' por tudo isso que afirmamos: — o desencarne de Francisco Spinelli abriu um claro na fileira espírita que dificilmente será preenchido.

— Solicitamos a Jesus receber em seu reino, o espírito dêste seu servo dedicado, enviando daquí, aos seus familiares, votos de paz e confôrto e o nosso sentimento de solidariedade no duro golpe que acabam de sofrer.

Obras mediúnicas recebidas pelo médium Francisco C. Xavier

Reportagens de Além-Túmulo
Brasil, Coração do Mundo
Parnaso de Além-Túmulo
Entre a Terra e o Céu
Cartilha da Natureza
A Caminho da Luz
Coletâneas do Além
Paulo e Estevão
Pontos e Contos
Alvorada Cristã
No Mundo Maior
50 Anos Depois
O Consolador
Gotas de Luz
Ave Cristo
Pão Nosso
Emmanuel
Renúncia
Roteiro
Voltei
Pai Nosso
Bôa-Nova
Luz Acima
Libertação
Vinha de Luz
Jesus no Lar
Volta Bocage
Agenda Cristã
Falando à Terra
Os Mensageiros
Lázaro Redivivo
Há Dois Mil Anos
Novas Mensagens
Missionários da Luz
Cartas do Evangelho
Palavras de Emmanuel
Caminho, Verdade e Vida
Crônicas de Além-Túmulo
Obreiros da Vida Eterna

TODAS ESTAS OBRAS ACHAM-SE Á VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»
Caixa Postal, 11—MATÃO—E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo ? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão : fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço : cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$ 60,00
	Semestre	— ,,	,,	30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	70,00
	Semestre	— ,,	,,	35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	65,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	75,00

NUMERO AVULSO CR. $5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**